

internacionais sobre o movimento e seus propósitos, em entrevista transmitida a *La Nación*, de Buenos Aires. Tinha as suas razões: o anticomunismo, ainda na infância aqui, andava propalando coisas inexatas, inverossímeis aliás, em relação ao movimento⁽³⁰⁴⁾. A 24 de outubro, a guarnição do Rio de Janeiro depunha o presidente Washington Luís: o *Diário da Noite* abriu a primeira página com manchete: “Viva o Brasil! Viva a República Nova e Redimida!” A cidade se encheu de povo nas ruas e a alegria da vitória foi acompanhada de represálias, voltando-se a fúria popular contra a imprensa governista⁽³⁰⁵⁾. A 3 de novembro, Getúlio Vargas recebia o poder, entregue pela junta militar que comandara o movimento de 24 de outubro na capital. Iniciava-se o Governo Provisório.

A nova fase da vida republicana trazia, evidentemente, aprofundamento de velhas contradições na sociedade brasileira. Tais contradições teriam oportunidade transitória de manifestação no campo da política, denunciando-se pelo antagonismo e o choque na própria intimidade das forças que se haviam conjugado para derrubar o governo; de um lado ficavam os que supunham estar encerrado o problema com a substituição de

o patriotismo dos brasileiros encontrasse o caminho de volta ao regime da paz, em bem dos interesses supremos do País. Assinavam-na o conde Ernesto Pereira Carneiro, presidente efetivo, e o comendador Afonso Vizeu, presidente honorário. Para desincumbir-se da missão esteve no Catete uma comissão composta dos Srs. Pereira Carneiro, Eduardo Silva Araújo, Albino Bandeira, Costa Pires e Eugênio Gudín”. (Hélio Silva: op. cit., págs. 356/357).

(304) “Roberto Alves, que secretariou Getúlio Vargas em seu exílio de Santos Reis, conta que Getúlio teria revelado um episódio importante para o estudo da revolução de 1930. Soube, naquele momento, que o presidente Washington Luís recebera denúncia de que o movimento tinha tendências comunistas. Possivelmente a versão se originara de seus contatos com Luís Carlos Prestes. A informação fora, porém, acolhida e a ponto do então cardeal secretário do Vaticano, Eugênio Pacelli, mais tarde coroado como Pio XII, ter indagado do arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, se a acusação era verdadeira. Vargas mostrou a Roberto Alves a cópia da resposta do arcebispo de Porto Alegre: — “A revolução, que simultaneamente irrompeu no Rio Grande do Sul e vários outros Estados do Brasil, não é de origem comunista”. Esta resposta categórica deve ter sido transmitida pelo Vaticano ao cardeal D. Sebastião Leme e possivelmente influído na sua conduta em 24 de outubro”. (Hélio Silva: op. cit., pág. 391).

(305) “Grupos de populares começaram a depredar as redações dos jornais governistas. Líderes improvisados e conhecidos políticos aliancistas concitavam à destruição. Apareceram latas de gasolina que eram derramadas às portas dos edifícios, ateando-se os incêndios. O majestoso edifício de *O País*, construído com a própria Avenida Central, em sua esquina com a rua 7 de Setembro, converteu-se num imenso fogaréu. Magotes invadiam o prédio, arrancando os móveis, livros e coleções, espatifando tudo e jogando material para a fogueira. A Agência Americana, instalada em um dos andares superiores, *A Notícia*, mais além, na mesma avenida, a *Gazeta de Notícias*, na rua do Ouvidor, a *Crítica*, de Mário Rodrigues, a *Vanguarda*, de Oséias Mota, eram pilhadas e queimadas. *A Noite*, no edifício da praça Mauá que tem o seu nome, sofreu o vandalismo da revolução. O alto prédio foi tumultuado, os elevadores parados e um rico e lindo lustre que havia no *hall* desapareceu misteriosamente. Pelas ruas, estendiam-se passadeiras brancas de bobinas de papel de jornal. A polícia, impotente, omitia-se”. (Hélio Silva: op. cit., págs. 382/383).